

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REALIZADOR CONVIDADO: BORIS LEHMAN  
12 de dezembro de 2023

# ALBUM 1 / 1974

um filme de Boris Lehman

**Realização, Imagem e Montagem:** Boris Lehman / Filmado em Super 8 entre julho e agosto de 1974 **Cópia:** 16mm, colorida, sem som, 57 minutos / Primeira exibição na Cinemateca

*Projeção acompanhada ao vivo por leituras de Boris Lehman e uma improvisação musical da dupla Sambacalao (Olmo Marín e Diogo Picão)*

---

*Album 1* é um filme de família feito, em parte, por provocação: Boris Lehman foi convidado por um festival a realizar um filme em super 8 e, diz ele que, ao contrário dos “amadores”, que estavam proibidos de apresentar filmes de família, os “profissionais” tinham total liberdade para apresentar o que quisessem. Boris Lehman fez um filme de família. Pelo menos é o que diz o texto do realizador que apresenta o filme, o que é confirmado por um intertítulo, caseiro e rudimentar, onde se lê “em família” em letras tridimensionais colocadas em cima de um painel de fotografias onde Boris Lehman aparece com várias idades.

*Album 1* afirma-se então como filme de família, mas de duas maneiras desafia a categoria a que diz pertencer. Primeiro, é um filme de família sem família. Ou é um filme que pelo menos expande a noção de “família” a um núcleo emocional lato, que aqui é constituído pelos amigos de Boris Lehman, no meio dos quais ele aparece, todos muitos novos – reconheço a Chantal Ackerman com a idade do *Je, tu, il, elle* (e bate certo: o filme dela também é de 1974), a comer qualquer coisa tirada de um saco de papel (como o açúcar que ela comia na cama de onde praticamente não sai, nesse filme). Uma amiga irá ler todos os nomes, aqui, ao vivo, na sessão de hoje. Boris Lehman diz que são à volta de 150, amigos que filmam e são filmados.

Depois, os filmes de família são em princípio feitos para serem vistos em casa, por aqueles que participam neles e os fazem, e muito raramente são programados, mesmo pelas cinematecas, o que os mantém em grande medida fora da história do cinema que estas estão a escrever. Ao fazer um filme de família para ser visto em público, ao colocar dentro do circuito cinematográfico aquilo que tendencialmente fica de fora dele, o filme põe em causa, ameaça uma segunda vez essa categoria a que diz pertencer e ao mesmo tempo ameaça o cinema que a tende a excluir. É um gesto provocador e de uma radical independência, que aliás integra *Album 1* na filmografia do realizador e o liga ao cinema todo de Boris Lehman, apesar de ser um objecto muito particular, e muito diferente de todos os outros. Isto porque todo o seu cinema é feito em total independência e os seus modos de trabalho, desde a captação à exibição, põem em causa algumas das mais estáveis ideias e noções que organizam o modo como o cinema está pensado e é organizado (desde logo a noção de “filme”).

Apesar de desafiar, assim, o filme de família que diz ser, *Album 1* é feito a partir do mesmo impulso. Movido por objectos exclusivamente emocionais, feito para fixar no presente a memória que no futuro se vai ter disto que se vive agora, o filme de família, dentro do cinema amador, organiza-se pelo afecto e relembra também o impulso mais primitivo da criação cinematográfica: o prazer, o espanto de ver aqueles e aquilo de que se gosta numa imagem que mexe. Em *Album 1*, esse afecto e esse espanto, estão no modo como a câmara se move como se quisesse tocar, envolver, apoderar-se dos corpos à sua frente, com grandes planos de bocas, olhos, orelhas que se tornam planos gerais, paisagens (à maneira do que descreve Béla Balazs quando fala do rosto humano na relação com o grande plano); como é também o afecto que orienta a montagem ou, melhor, a sucessão dos planos, a ligação e os modos como as imagens se chamam e se ligam umas às outras, no modo como se afectam. Há um desejo desenfreado de querer tocar com os olhos, numa ligação muito directa entre mão e visão (a que o super 8 e a leveza das câmaras, incita), que resulta numa sucessão frenética de muitas caras, muitas

coisas, espaços que se percorrem, num desejo sôfrego de querer fixar muito e muito rápido, agora, tudo aquilo que se ama e não se quer esquecer.

Boris Lehman lê na performance que acompanha a projecção de hoje: "estou aqui". E acrescenta: "Trajecto engraçado e tranquilo / itinerário virtuoso e incessantemente tortuoso / sacrilégio surpreendente / programa improvisado / e luxuoso / tudo englobado na minha imagem". "Viagem imaginária sem regresso sem limite e sem memória / atracção do destino / nunca / provavelmente". E são palavras que descrevem bem a viagem num presente absoluto fixado, numa geografia emocional que se percorre incessantemente, que *Album 1* é.

A emoção com que o filme se cose, faz-se também pela sensibilidade da película. Até recentemente, Boris Lehman filmou sempre em formatos menores (super 8, 16mm), que agora começa a digitalizar. Mas essa relação com formatos analógicos, orgânicos, porosos, é importante para o seu gesto. Num dos últimos intertítulos, quando descreve a película que usou, e indica as câmaras com que filmou, Boris Lehman acrescenta que fez o filme "ajudado pela expressão super 8". E é em grande medida essa expressão, associada à portabilidade e leveza das câmaras, ao grão da película, ao mudo, que funda a afecção em que este filme se faz.

Boris Lehman fala de Jonas Mekas como uma referência para o filme. E Mekas dizia que não fazia senão *homemovies*. Finalmente, é também nessa afinidade que *Album 1* é um filme de família – ou pelo menos procura uma família, no cinema.

O filme tem a forma de um caleidoscópio. Os cortes são rápidos e o movimento das imagens é acelerado ao jeito das sinfonias urbanas (Boris Lehman e alguns dos seus amigos são aqui uma espécie de homens da câmara de filmar). É um caleidoscópio pelo ritmo da montagem e do modo como as coisas – as caras dos amigos, os objectos, os gestos – mas também por ser um puzzle feito por muitas mãos, por muitos olhos. "Filmo... sou filmado / colado / estafado / incompleto", lê alto. Boris Lehman é atravessado por todos aqueles que filma e que o filmam e essa é uma bela imagem para o seu cinema todo: cinema movido por um "eu", afirmado nos títulos, corporalizado nas imagens – não conheço filme de Boris Lehman em que ele não apareça – um "eu" que instala um espaço, uma cena, onde os outros e as suas coisas são convidados a entrar, e a ser, inteiros.

No sítio em linha de Boris Lehman ([www.borislehman.be](http://www.borislehman.be)) estão elencados à volta de 79 filmes realizados por si, mas ele diz ter feito mais de 500. Isto porque está sempre a filmar, o seu cinema está indelevelmente colado à vida, serve-lhe para viver (e de vez em quando lá vai organizando o material que filma, ou lá vai organizando a vida, num filme). *Album 1* é uma destas organizações, bem mais restrita do que muitos dos seus outros filmes que por vezes levam dezenas de anos a serem terminados – aqui a captação foi feita em dois meses e o filme foi apresentado no mesmo ano em que foi feito. Mas é isso mesmo, um álbum, como o são muitos dos seus outros filmes (mesmo que não tenham esse título), uma colecção de amigos, e situações banais do dia a dia, ou pequenas encenações. Essa atenção ao banal, ao pequeno, ao ordinário, está em todo o cinema de Boris Lehman, que, ao dar atenção àquilo a que normalmente não damos atenção, o torna extraordinário, visível, sensível, num gesto político que lembra o "infra-ordinário" de Georges Pérec (que parafraseio: o acontecimento não é o acidente na mina, são as condições quotidianas de trabalho nas minas).

Apesar então de ir organizando a sua vida em filmes, há no movimento contínuo do cinema de Boris Lehman uma resistência ao momento final, que fecha a forma fílmica. As condições em que *Album 1* foi projectado pela primeira vez – e que esta sessão na Cinemateca replica – são sinal disso: acompanhado por leituras ao vivo do realizador e por música, (aqui, hoje, uma improvisação dos Sambacalao, a dupla de Olmo Marín e Diogo Picão), *Album 1* continua para lá da cópia que o fixa. A dimensão performática da projecção continua o cinema para lá do filme.

"*Arriver nulle part*", chegar a lado nenhum, lê-se num intertítulo que cola as duas bobines de projecção. Não acabar. É bem esse o sentido do filme.

Inês Sapeta Dias